

# *A dialética ruminante de Antonio Candido: antes e depois da Formação da literatura brasileira*

Anderson Pires da Silva  
*Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora*

Resumo: *A partir da comparação entre a introdução de Formação da literatura brasileira e as contra-argumentações de Afrânio Coutinho, Silviano Santiago e Haroldo de Campos, o artigo discute o problema do nacionalismo na elaboração do conceito de “literatura como sistema”.*

Palavras-chave: *Historiografia literária, Barroco, Romantismo, Antonio Candido, Haroldo de Campos*

Na introdução de *Formação da literatura brasileira*, Antonio Candido argumenta como o nacionalismo (pré) romântico foi um elemento formador de nossa tradição literária. Assim, de Cláudio Manuel da Costa a José de Alencar, ocorria uma “tomada de consciência dos autores”, dispostos a considerar o literário como “parte do esforço de construção” de um estado (espiritual e político) nacional, visando “a diferenciação e particularização dos temas”.<sup>1</sup>

1. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

A literatura, como fenômeno de civilização, constituía um “sistema de obras ligadas por denominadores comuns” – a criação de temas e imagens ligados aos elementos da natureza psíquica e social; a existência de produtores literários “conscientes do seu papel”; um conjunto de receptores; uma “linguagem traduzida em estilo”. Esse conjunto formava a literatura como aspecto orgânico civilizatório: “por meio do qual as veleidades mais profundas do indivíduo se transformam em elemento de contacto entre os homens, e de interpretação das diferentes esferas da realidade”.<sup>2</sup>

O problema literário começa a ser focado por Antonio Candido sob três ângulos: psicológico, político e estético. Em primeiro lugar, o que difere a “literatura como sistema” das “manifestações literárias” anteriores ao período neo-clássico é o empenho dos escritores, a vontade de “construir uma literatura como prova de que os brasileiros eram tão capazes quanto os europeus”.<sup>3</sup>

O empenho dos escritores brasileiros revelava um traço de imaturidade, ao se comportarem como adolescentes inseguros, que precisam negar a autoridade do pai (no caso, Portugal) para afirmarem sua identidade. Esse dado subjetivo já prefigurava um aspecto de nosso nacionalismo: a mania hiperbólica. A hipérbole nacionalista aparecia como resultado do jogo comparativo entre Brasil e Europa, a necessidade de se auto-afirmar negando o outro. O caminho mais fácil para isso foi o *nativismo*. Vejamos os primeiros versos de “Canção do exílio” de Gonçalves Dias: “Minha terra tem palmeiras/onde canta o Sabiá/As aves, que aqui gorjeiam/Não gorjeiam como lá/[...]/Nossos bosques tem mais vida/Nossa vida mais amores”. O engrandecimento da natureza e do jeito de ser brasileiro não se esgotou no período romântico, pelo contrário, permanece também no modernismo, como por exemplo, no “Manifesto antropófago”, na proposição “antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade”.

O nacionalismo na literatura, como Candido argumenta ao longo da *Formação da literatura brasileira*, em particular no nono capítulo (“O indivíduo e a pátria”), foi uma imposição inevitável, um mal necessário, um doce remédio. A “jovem nação” independente e os brasileiros precisavam de uma narrativa que os representassem. De certo modo, o escritor “consciente do seu papel” era o atento a essa necessidade do público, caso contrário não seria capaz de expressar “as veleidades mais profundas do indivíduo”, e muito menos compreender a nação a

2. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 25.

3. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 29.

ponto de interpretar “as diferentes esferas da realidade”. Assim, o sentimento que já vinha se processando antes da Independência, a vontade de fazer literatura brasileira, tornou-se o meio mais forte para criar um sentido simbólico para consolidar a autonomia política.

Aliás, o nacionalismo artístico não pode ser condenado ou louvado em abstrato, pois é fruto de condições históricas – quase uma imposição nos momentos em que o Estado se forma e adquire fisionomia nos povos antes desprovidos de autonomia ou unidade.<sup>4</sup>

Em ensaio posterior – “Uma palavra instável” –, Candido irá apontar o caráter semântico instável do nacionalismo nas artes, que ora assume um aspecto conservador e ora assume um aspecto progressista. Em *Formação da literatura brasileira* a questão é posta de modo sinuoso, pois se a representação do local concede à “literatura sentido histórico e excepcional poder de comunicação”, também “compromete a universalidade da obra”.<sup>5</sup>

O questionamento da “universalidade” na literatura brasileira já havia sido posto por Machado de Assis, no ensaio “Instinto de nacionalidade”, como uma solução e um problema. Há alguns pontos convergentes na argumentação de ambos. Se Candido considera o nacionalismo romântico como expressão da juventude da nação, com todas as suas vantagens (a paixão da entrega) e desvantagens (a imaturidade), Machado o considera uma intuição, ou “ideia fixa”, presente até nas “manifestações de opiniões ainda mal formadas”. É um problema porque, ao se reconhecer “espírito nacional” somente nas “obras que tratam de assunto local”, nega-se a contribuição da geração anterior (os árcades) para nossa independência literária, “e nisto há mais erro que acerto”; além disso, uma “literatura nascente” não deve estabelecer “doutrinas tão absolutas que a empobrecem”, por isso “o que se deve exigir do escritor, antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço”.<sup>6</sup>

A “universalidade” de uma literatura, para Machado de Assis, depende da competência artística do escritor e como se comporta diante do seu tempo:

4. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 29.

5. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 29.

6. ASSIS. *Instinto de nacionalidade*, p. 18.

Perguntarei mais se o Hamlet, o *Otelo*, *Júlio César*, a *Julieta e Romeu* têm alguma coisa com a história inglesa nem com o território britânico, e se, entretanto, Shakespeare não é, além de um gênio universal, um poeta essencialmente inglês.<sup>7</sup>

A essencialidade inglesa de Shakespeare seria fruto do “sentimento íntimo” do poeta, ou seja, a pátria já estava gravada no seu modo de ser, logo sua universalidade derivaria da força a imaginação, pois não basta deixar impressa “a cor local”, “é preciso que a imaginação lhe dê os seus toques”.<sup>8</sup> Além do reconhecimento fundamental dos árcades na fecundação da literatura brasileira, Machado antecipa uma questão fundamental para Antonio Candido: se a potência da literatura brasileira dependeria da imaginação criadora individual ou de um sistema de força coletivo.

Como não há literatura sem fuga ao real e tentativas de transcendê-lo pela imaginação, os escritores se sentiram freqüentemente tolhidos no vôo, prejudicados no exercício da fantasia pelo peso do sentimento de missão, que acarretava a obrigação tácita de descrever a realidade imediata, ou exprimir determinados sentimentos de alcance geral.<sup>9</sup>

Na segunda seção do nono capítulo de *Formação* – “O romantismo como posição do espírito e da sensibilidade” –, Candido argumenta que o “conceito de missão” domina a estética romântica e a visão de mundo dos escritores, que se comportariam como “avatares” de uma “missão espiritual” ou uma “missão social”.<sup>10</sup> O “nacionalismo infuso” contribuiu para a “renúncia à imaginação” ou “incapacidade de aplicá-la devidamente à representação do real”, mas não impediu a “expressão de um conteúdo humano” representativo “dos estados de espírito de uma sociedade”.<sup>11</sup>

No segundo capítulo de *Literatura e sociedade*, ao discutir a “posição do artista”, Antonio Candido volta a enfatizar, desta vez com o suporte da antropologia, o valor coletivo da obra de arte, como o talento individual deve se integrar às “necessidades coletivas”. Um dos pressupostos teóricos da *Formação* é a articulação entre a análise da “integridade estética” do escritor (o particular) e

7. ASSIS. *Instinto de nacionalidade*, p. 17.

8. ASSIS. *Instinto de nacionalidade*, p. 31.

9. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 28.

10. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 345.

a sua função no sistema literário (o geral). Esse movimento dialético está exposto na abertura da obra: “Este livro procura estudar a formação da literatura brasileira como síntese de tendências universalistas e particularistas”.<sup>12</sup>

Em *Literatura e sociedade*, no sexto capítulo, Candido definirá a dialética local-cosmopolita como uma “lei de evolução da nossa vida espiritual”, uma “integração progressiva” e tensa entre “o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição européia (que se apresentam como forma da expressão)”.<sup>13</sup>

Conceder um caráter universalista à tradição européia – embora seja mais sensato substituir “universal” por “internacional” – rendeu a Candido, talvez à sua revelia, uma polêmica com a comunidade acadêmica, tanto com os “americanistas” (Afrânio Coutinho) quanto os mais afinados com as correntes pós-estruturalistas de feição “derridiana” (Silviano Santiago e Haroldo de Campos).

Para Afrânio Coutinho, o modelo historiográfico proposto em *Formação da literatura brasileira* supervaloriza a influência lusitana em nossas letras, além de ignorar que “o espírito barroco gerou a nossa independência mental, e marcou para sempre nossa mentalidade”. O conceito de “literatura como sistema”, no seu entendimento, confunde “a origem da literatura brasileira com a independência política nacional”, colocando o “fenômeno literário a reboque da política”. Desse modo, ao desconsiderar a transplantação do Barroco em solo nacional, o “grito de independência antilusa” de Gregório de Matos, a “evolução histórica” latina “do ponto de vista americano e não eurocêntrico”, Candido confirmava a “nossa subserviência aos antigos dominadores e exploradores europeus”.<sup>14</sup>

Pensar a origem da literatura brasileira a partir do paradigma da literatura portuguesa, Coutinho argumenta, favorecia a incompreensão do Barroco e, por extensão, da contribuição hispânica na literatura brasileira, uma vez que “o Barroco é espanhol. E Portugal e Espanha não se entendiam”. Há um paradoxo conceitual na argumentação, pois, se nega o “eurocentrismo” de Candido, também confirma a origem da literatura brasileira como rejeição à autoridade lusitana, como um “processo de descolonização literária”, “resultante precisamente do caráter

11. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 29.

12. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 25.

13. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 101.

14. COUTINHO. *Do barroco*, p. 303.

‘hispano-italiano’ das origens do Barroco, contra o qual lutava Portugal, por isso não identificado com o Barroco”.<sup>15</sup>

Afrânio Coutinho, ao mesmo tempo em que recusa a influência européia, em favor de um americanismo latino-americano, recorre a[à] Europa hispano-italiana como agente de origem. Por isso, mesmo os mais resistentes ao modelo historiográfico de Candido não aceitam os argumentos de Afrânio Coutinho; Haroldo de Campos, por exemplo, o qualifica como “eufórico”. Na opinião de Marcos Rogério C. Fernandes, Coutinho não considerou o caráter dialético da *Formação*, isto é, a complexão do fenômeno literário como “traspassamento formal entre sociedade, cultura e literatura”.<sup>16</sup>

A permanência erosiva de um pensamento eurocêntrico foi explorada por Silviano Santiago no artigo “Atração do mundo”. Analisando a escrita memorialista do livro *Minha formação*, de Joaquim Nabuco, e sua autodefinição “antes como um espectador do meu século do que do meu país”, Santiago traça uma linha reta entre a visão de Nabuco e o pensamento dialético de Candido:

A riqueza exploratória da escrita memorialista de Nabuco [...] pode nos servir hoje, em primeiro lugar, para discorrer sobre as posturas ideológicas antagônicas no primeiro século da autonomia nacional, pode nos servir em seguida para indicar os dilemas bem mais complexos que os intelectuais brasileiros enfrentarão no século XX e, finalmente, pode nos ajudar a esclarecer o percurso político-cultural da nossa modernidade tardia. Destaco um dos mais surpreendentes capítulos do livro, “Atração do mundo”, em que o autor exprime de maneira corajosa a grande síntese a que Antonio Candido, meio século depois, ainda se referia como a definidora da cultura brasileira: a “síntese de tendências particularistas e universalistas.”<sup>17</sup>

Antonio Candido, no ensaio “Poesia e ficção na autobiografia”, sublinha que Nabuco “atenua o caráter exemplar do que narra”, porque “traz a primeiro plano uma personalidade bastante narcísica”.<sup>18</sup> Vejamos como fica clara a posição de Candido em relativizar, ou até mesmo negar, em certos casos, uma sobreposição

15. COUTINHO. *Do barroco*. p. 308.

16. FERNANDES. Sobre o método crítico de Antonio Candido em *Formação da literatura brasileira*, p. 231-235.

17. SANTIAGO. *Atração do mundo*, p. 32.

18. CANDIDO. *A educação pela noite*, p. 63.

do indivíduo à história, que em estética se traduz no conceito de “manifestação literária”, quando o indivíduo (p.ex., Gregório de Matos) responde pela qualidade de uma literatura nacional.

Para Silviano Santiago, a postura assumida por Nabuco – espectador do espetáculo da civilização moderna encenado em palco europeu e, por outro lado, um deslocado em relação à política local – revelava uma crise (“narcísica”?) do intelectual brasileiro, pois “a pátria que fascina o coração não ilude a cabeça e, por isso, o ‘grande espetáculo’ do mundo é o que prende e domina a inteligência”.<sup>19</sup> Santiago insinua uma equivalência secreta entre a posição de Nabuco e a de Candido sobre o caráter universal do escritor brasileiro, uma vez que ambas são formuladas como subtrações: a participação passiva no espetáculo do mundo, no primeiro caso; a renúncia à imaginação, no segundo.

Segundo Silviano, a “necessidade” de criar uma metodologia para balizar “a literatura nacional” e inscrever “o brasileiro culto na História ocidental” funda “um método *comparatista*” para análise da nossa produção artística”, baseado no paradigma europeu. Quando Candido situa a formação da literatura brasileira no terreno neo-clássico, continua Santiago, revela “um duplo movimento”, pois “os escritores brasileiros tanto são atraídos e motivados pela estética neoclássica”, beneficiando-se de um caráter universal, quanto “pelo ideário da Ilustração, que contribui para incutir e acentuar a vocação *aplicada* deles, transformando-os em verdadeiros delegados da realidade junto à literatura”.<sup>20</sup>

Em síntese, Santiago aponta, na aceitação do padrão ocidental, racionalista e realista, uma linha de “pensamento reducionista”, porque reafirma “o *centramento* da verdade cultural na razão européia”. O *logos* ocidental, o crítico denuncia, não consegue compreender o outro, ou aquilo que lhe é diferente, sem o menosprezar, por isso tolera o racismo. Ao final, propõe outro modelo de formação, inspirado no pensamento de Jacques Derrida (ou seja, o parâmetro francês!), não-centrado em uma verdade nacional, capaz de se deslocar entre “as várias etnias que explodem a almejada cultura nacional em vários estilhaços”. A *outra* formação proposta por Silviano seria escrita a partir do Modernismo de 22, que realizou esse deslocamento, cuja “inteligência rebelde” ensinou que o artista brasileiro deve “ser o ator e não mais espectador”.<sup>21</sup>

19. SANTIAGO. Atração do mundo, p. 34.

20. SANTIAGO. Atração do mundo, p. 37.

21. SANTIAGO. Atração do mundo, p. 42-48.

A “gramática” de Jacques Derrida e o Modernismo de 22 também estão na base da contra-argumentação de Haroldo de Campos, no ensaio “Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira”, no qual retoma a polêmica iniciada em *O seqüestro do barroco da formação da literatura brasileira*. A teoria histórica de Candido, Haroldo argumenta, foi guiada por um “nacionalismo ontológico”, “calcado em um modelo organicista-biológico de evolução”, transferindo para “nossas latitudes tropicais” a “metafísica ocidental da presença”, isto é, o racionalismo. Desse modo: “Pretende-se detectar o momento de encarnação do espírito (do Logos) nacional, obscurecendo-se a diferença para melhor definição de uma estrada real, o traçado retilíneo dessa logofania através da história”.<sup>22</sup>

A exclusão do Barroco, ou melhor, seu rebaixamento a “manifestação literária”, na interpretação de Haroldo de Campos, decorre em função de uma “identidade coesa”, baseada na linguagem emotiva (“exteriorizadora de ‘veleidades profundas’”) e termina por privilegiar poetas médios (“Casimiro de Abreu”) no lugar de poetas maiores (“Gregório de Matos”).

No lugar do “nacionalismo ontológico”, Haroldo de Campos propõe “o nacionalismo modal”, ou seja, capaz de “pensar a diferença”: “o des-caráter, ao invés do caráter; a ruptura, em lugar do traçado linear; a historiografia como gráfico sísmico da fragmentação” ao invés da “homologação tautológica do homogêneo”<sup>23</sup> – ou seja, ao invés do estável, o instável. Esse “nacionalismo modal”, na concepção de Campos, foi concretizado pela “Antropofagia” modernista. A partir dela, propõe-se pensar “o nacional em relacionamento dialógico e dialético com o universal”, não em uma posição reprodutora, mas produtora de discurso. Logo, o Barroco seria (como o Arcadismo na historiografia de Candido) uma pré-figuração da “razão antropofágica”, “desconstrutora do logocentrismo ocidental”, pois lá começaria “a torção e a contorção de um discurso que nos pudesse desensimesmar do mesmo”.<sup>24</sup>

A solidez do pensamento de Antonio Candido – com esta questão pretendemos concluir o artigo – reside também na capacidade de rearticular, repensar e, às vezes, de reescrever suas idéias. O efeito prático disso é certa antecipação das opiniões críticas mais divergentes das suas. Quando Silviano Santiago lê *Literatura e sociedade*, é obrigado a considerar que, “embora tímido no tocante

22. CAMPOS. *Metalinguagem e outras metas*, p. 236.

23. CAMPOS. *Metalinguagem e outras metas*, p. 237.

24. CAMPOS. *Metalinguagem e outras metas*, p. 243.

à crítica ao eurocentrismo”, Candido compreendeu a importância da antropofagia para uma conceituação moderna de identidade nacional.

Do mesmo modo, Haroldo de Campos reconheceu o ensaio “A dialética da malandragem” como “uma desleitura deliberada” de *Formação da literatura brasileira*, propondo um “segundo pensamento”, em prol de uma valorização dos movimentos marginalizados pelo “nacionalismo ontológico”. Ou seja, como se depois de uma *tese*, devesse apresentar uma *antítese*.

O pleno domínio de Candido da linguagem ensaística foi fator primordial para esse processo ruminante. Segundo Célia Pedrosa, “um gesto orgânico”, que se define pela forma ensaística. A escolha – argumenta a autora – tem a dupla função de sinalizar um “estilo pessoal” e, ao mesmo tempo, vincular esse estilo à “história da reflexão crítica brasileira”. Além disso, a natureza aberta do ensaio, sua fluidez estrutural, permite “a convergência de diferentes tipos de reflexão (literária, histórica, sociológica)”.<sup>25</sup>

Gradativamente, o ensaio tem sido substituído pelo artigo na produção textual acadêmica, talvez como reflexo do poder de convencimento da teoria literária, que apontou no ensaio a predominância de uma visão subjetiva e fragmentária. Seja como for, Candido sempre foi um problema para alguns teóricos de literatura. Isso porque, de uma forma “malandra”, através de textos mais “leves”, descompromissados com a demonstração rigorosa e detalhada de sua metodologia, pode criar um sistema de pensamento.

É curioso como, em alguns casos, as formulações de Candido estão próximas às dos teóricos estrangeiros solicitados, como método argumentativo, pelos seus críticos. Um exemplo: Haroldo de Campos, ao propor um modelo historiográfico oposto ao sistema de Candido, recorre aos conceitos da estética da recepção de Hans Robert Jauss, para apresentar uma noção de cânone aberto.

Segundo Jauss, uma “renovação da história da literatura” demandaria que se considerasse a posição presente dos leitores. Há uma dimensão temporal desconsiderada tanto pela sociologia da literatura quanto a teoria da literatura: o horizonte de expectativa. A distância que separa – ou transforma – percepção de uma obra e a sua posição no presente, principalmente quando perde sua significação primeira, adquirindo um significado virtual até que a evolução literária lhe confira uma atualização: “Assim foi que somente a lírica obscura de Mallarmé e de sua

25. PEDROSA. *Antonio Candido: a palavra empenhada*, p. 164.

escola preparou o terreno à já longamente desprezada e esquecida poesia barroca”.<sup>26</sup>

Antonio Candido, para justificar a ausência da poesia de Gregório de Matos do “sistema literário”, lança mão de um argumento muito semelhante à explicação de Jauss: “Com efeito, embora tenha permanecido na tradição local da Bahia, não existiu literariamente (em perspectiva histórica) até o Romantismo”, quando foi redescoberto e “pode ser devidamente avaliado”.<sup>27</sup> Sob essa perspectiva, que desde o início põs em relevância a importância do leitor, Gregório de Matos passa a atuar na literatura brasileira após a formação do sistema, que se consolida com o modernismo.

Em *Literatura e sociedade*, Candido definia o romantismo e o modernismo como os “dois movimentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência”.<sup>28</sup> Agora, cabe-nos a pergunta final: será que *Formação* pode ser lida a partir da perspectiva virtual do modernismo? Nesse importante capítulo, Candido leva a dialética local-universal para o interior dos dois movimentos, no qual o primeiro equivale à etapa necessária de autoconhecimento; o segundo a superação dos recalques decorridos da imaturidade nacionalista romântica e a inserção confiante na literatura ocidental. Não por acaso, o trecho que Candido destaca do “Instinto de nacionalidade” é aquele que Machado argumenta que nossa evolução literária contará com o trabalho de várias gerações.

### The ruminant dialectics of Antonio Candido: Before and after *Formação da Literatura Brasileira*

Abstract: *From the comparison between the introduction of Formação da literatura brasileira and the counter-argumentations of Afrânio Coutinho, Silviano Santiago and Haroldo de Campos, the essay discusses the problem of nationalism in the drafting of the concept of “literature as a system”.*

Keywords: *Literary historiography, Baroque, Romanticism, Antonio Candido, Haroldo de Campos.*

26. JAUSS. *A história da literatura como provocação à teoria literária*, p. 44.

27. CANDIDO. *Formação da literatura brasileira*, p. 26.

28. CANDIDO. *Literatura e sociedade*, p. 103.

*Referências*

- ASSIS, Machado de. *Instinto de nacionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- COUTINHO, Afrânio. *Do barroco*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.
- FERNANDES, Marcos Rogério Cordeiro. Sobre o método crítico de Antonio Candido em Formação da literatura brasileira. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. Belo Horizonte, v. 26, n. 36, p 225-242, 2006.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- PEDROSA, Célia. *Antonio Candido: a palavra empenhada*. São Paulo: Ed. Usp; Niterói: Ed. UFF, 1994.
- SANTIAGO, Silviano. Atração do mundo (Políticas de identidade e de globalização na moderna cultura brasileira). *Gragoatá*. Niterói, v.1, n.1, p. 31-54, 1996.